

# Para Carolina, com carinho

*Por Pedro Mathey*

Carolina Maria de Jesus, nascida em 1914, na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais. Filha de lavradores, estudou até o segundo ano do primário e precisou abandonar a escola para trabalhar. Se mudou para São Paulo, onde criou os filhos como catadora de papel e moradora da favela do Canindé. Ali, com papéis velhos e cadernos descartados, escreveu com o que tinha à mão, colocando palavras que carregava no peito.

Em 1960, foi publicado o livro Quarto de Despejo — Diário de uma favelada, criado a partir dos cadernos que escrevia em meio à rotina dura, e que surpreendeu o país por sua força. Carolina de Jesus uma mulher negra, pobre e periférica, trouxe para a luz um Brasil profundo, escondido nas sombras. O livro vendeu milhares de cópias, foi traduzido para vários idiomas e Carolina se tornou, por um breve período, uma figura nacional.

Mas o encanto do público não se sustentou. A linguagem simples e direta, sem parnasianismos, nada agradou a crítica. Não deram a Carolina de Jesus o lugar de autora, mas e sim o de exceção. Depois da euforia, veio o esquecimento. E ela seguiu escrevendo, mesmo assim. Faleceu em 1977, com mais de 40 cadernos inéditos guardados, longe dos holofotes.

O reconhecimento chegou tardiamente, de modo que, ainda hoje, é difícil compreender o jeito corajoso em que transformava dor em palavra — sem floreio, sem filtro, mas sim, transmitindo verdades. A obra de Carolina

de Jesus revela um Brasil que persiste em colocar por baixo dos panos as consequências das desigualdades. E, por isso, sua obra ainda se faz relevante.

Carolina não escreveu apenas sobre a própria vida. Mas sim, escreveu sobre a vida de milhões que têm suas histórias ignoradas, sem ter direito a sonhos e ambições. Sobre o olhar que não vinha, a escuta que faltava, o país que fingia não ver. E, mesmo assim, escreveu com uma dignidade que desarma. Com afeto pelas palavras e um desejo profundo de existir por meio delas.

Quantas Carolinas de Jesus existem hoje? Quantas ainda tem que gritar para serem ouvidas? Quantas ainda não foram vistas? Quantas serão esquecidas? Hoje, Brasil afora, diversas Carolinas de Jesus ainda sentem a necessidade de se provar todos os dias

Contudo, as novas Carolinas já não caminham sozinhas. Por trás de cada nova voz que emerge, existem grupos, coletivos, movimentos culturais que não permitem que essas histórias sejam esquecidas. As autoras se organizam, editam, publicam e divulgam. Incentivam umas às outras, cuidam umas às outras.

Desta forma, vozes antes silenciadas passam a ser impossíveis de serem ignoradas, fazendo com que a sociedade seja consciente de suas injustiças e desigualdades e capaz de transformar a realidade.